



Universidade de Brasília

Instituto de Artes - IdA

Departamento de Artes Cênicas

YURI CÁSSIO MOTA ROCHA

O CORPO POÉTICO DE MADAME YURI E AS RUPTURAS DO UNIVERSO

NORMATIVO:

Proposições e inquietações de um corpo estranho.

Brasília, 2018

YURI CÁSSIO MOTA ROCHA

**O CORPO POÉTICO DE MADAME YURI E AS RUPTURAS DO UNIVERSO
NORMATIVO:**

Proposições e inquietações de um corpo estranho.

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas,
habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes
Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), autoria de Yuri Cássio Mota Rocha, sob o título/subtítulo: **O CORPO POÉTICO DE MADAME YURI E AS RUPTURAS DO UNIVERSO NORMATIVO: proposições e inquietações de um corpo estranho**, apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, em 04 de dezembro de 2018, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro dos Santos (IdA – CEN – UnB)

Mestra Natasha de Albuquerque (IdA – VIS – UnB)

Mestra Juliana Liconti (IdA – CEN - UnB)

DEDICATÓRIA

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família: Meu Irmão Gabriel, Meu Pai Douglas e Minha Mãe Celma. Agradeço a eles pela oportunidade de ter feito um curso de Artes e pelas portas que foram abertas graças a eles. Especialmente por me aceitarem, hoje, como sou. E me amam especialmente.

Agradeço especialmente a minha amiga Travesti Pironopolinda Tita Maravilha Moreira de Mélo, recentemente formada na Universidade de Brasília. Sou eternamente grata pela sua existência e pela força que damos uma para outra na vida.

Agradeço às minhas amigas da Resto e da Crau: Nathalia Azoubel (Kedi Neo), Gabriula Rabêlo (Briu) e Heloísa Palma (Loba Feroz). Elas me fazem felizes e com elas trabalhamos juntas para enfrentar várias barreiras. Minha força feminina está nelas e com elas.

Agradeço novamente à minha Mãe, Celma. Pois graças a ela sou quem sou. Sou grata a minha Mãe pelo amor que tanto depositamos uma a outra. Mãe, eu te amo demais da conta.

Agradeço a meu Orientador, Luiz Carlos Laranjeiras. Pela atenção. Pelo Amor. Por ser tão feliz com a minha proposta. Admiro muito seu trabalho e saibas que é um querido.

Agradeço à minha amiga querida. Luiz Gabriel Madureira. Graças a você pudemos ser muito bichas no colégio católico. E foi babado. Também à Natália Botelho. Nossa companheira de guerra e de muito amor.

A minha amiga Jaja Rolim. Performer maravilhosa. Grande inspiração.

Ao movimento de luta pela expressão e igualdade de gênero. Aos movimentos sociais. Aos integrantes que trabalham em Assistências Sociais especializadas. A lei anti homofobia do Distrito Federal (lei número 2.615 do ano de 2000).

Agradeço a Linn da Quebrada por existir e fazer viva a nossa história a partir de uma história tão cheia de altos e baixos. Mas a resistência persiste contigo.

E a você, que lê esse trabalho.

*“Eu fui expulsa da igreja (ela foi desassociada)
Porque ‘uma podre maçã deixa as outras contaminada’
Eu tinha tudo pra dar certo e dei até o cu fazer bico
Hoje, meu corpo, minhas regras, meus roteiros, minhas pregas
Sou eu mesmo quem fabrico
Eu tô Bonita?
Tá Engraçada.
Eu não tô bonita?
Tá Engraçada
Me arrumei tanto pra ser aplaudida
Mas até agora só deram risada.”*

(Mc Linn da Quebrada, CD Pajubá. São Paulo – 2017)

RESUMO

Esta pesquisa fala sobre a performatividade do corpo a partir do viés de sua identidade de gênero ou des-identidade de gênero. Utilizo como referência de investigação performática o corpo de Madame Yuri, Yuri Cássio Mota Rocha, ou simplesmente Madame, partindo do ponto sensível que mais o tocou desde a infância até a maioridade. Hoje, percebendo e curando as feridas deixadas pelo mundo, Madame é um ser humano, uma atriz-sujeita, uma performer-sujeita que deseja ser respeitada. Sua presença física propõe uma estética e uma ética e representa reivindicações de amor, de direitos e de humanidade. Este trabalho propõe uma atualização e uma transformação do ar viciado da hegemonia heteronormativa. O Brasil precisa de mudança e a transformação está em cada ser que existe, vive e se expressa. LGBTI e artistas LGBTI no Brasil são colocados à margem, considerados e chamados de estranhos. Esta é uma monografia estranha, tão estranha como o(a) seu autor(a) criador(a).

Palavras chave: Artes Performativas, Corpo, Performatividade de Gênero, Direitos LGBTI.

ABSTRACT

This research talks about the performativity of the body from the bias of its gender identity or ungender identity. The body of Madame Yuri, Yuri Cássio Mota Rocha, or simply Madame, is the reference for this performance research, starting from the sensitive point that most touched her/him from childhood to the age of majority. Today, perceiving and healing the wounds left by the world, Madame is a human being, an actress-subject, a performer-subject who wishes to be respected. Its physical presence proposes aesthetics and ethics and represents claims of love, rights and humanity. This work proposes an update and a transformation of the addictive air of heteronormative hegemony. Brazil needs change, and its transformation is in every being that exists, lives and expresses itself. LGBTI and LGBTI artists in Brazil are placed on the sidelines, considered and called strangers. This is a strange monograph, as strange as the one who created it.

Keyboard: Performative Arts, Body, Gender Performativity, LGBTI Rights.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
1.1. Um corpo estranho e marginal enquanto sua performatividade	15
1.2. As indefinições de Aquário: a vida que construí em diálogo com o Teatro e a <i>performance</i>.	21
CAPÍTULO II	
2.1. O corpo estranho versus Universidade: o empoderamento, a crítica e a autocrítica.	28
2.2. O ser marginal e potente. Como tomar de assalto: um convite às minhas parceiras de guerra.	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

LISTA DE FIGURAS (IMAGENS)

Figura 01 - Madame Yuri na 1ª edição da Festa Limbo em 2016. Foto da La Conga Rosa. p.13.

Figura 02 – Madame Yuri em performance com o coletivo Crau Make Up em 2015 na festa Grau II no Setor Comercial Sul. Foto: Pedro Lacerda (*Shake It*). Montagem: Madame Yuri. p.14.

Figura 03 - Dia em que pedi ao atendente da loja Telvox (CLN 311 Bloco B) que me enviasse um comprovante de uma situação anterior com minha fonte. Ele não achava o nome do contato do número até que eu pedi que criasse um novo e apareceu: "Viadinho da fonte". Foto: Eu. p.17.

Figura 04 - Madame Yuri na frente da lixeira do seu apartamento de aluguel no ano de 2017 na QE 40, Polo de Módas - Brasília - DF. Foto: Jaja Rolim. p.20.

Figura 05 - Madame Yuri e sua mãe Celma Mota. Era dia das mães na escola. Foto de 2000. p.21.

Figura 06 - Madame Yuri em Luís Eduardo Magalhães - BA. No Encontro Nacional de Estudantes de Arte que foi em Salvador no ano de 2017. Foto: Tita Maravilha. Montagem: Madame Yuri. p.23.

Figura 07 - Personagem Coulmier do resultado da disciplina Interpretação e Montagem, dirigido por Cecília Borges o espetáculo "Marat, Sade, Corday e o Resto: uma manicômica tragédia pantominmática. Ocupação da Funarte - Brasília, 2016. Foto: Sheyden Afroindígena. p.27

Figura 08 - Madame Yuri na cena de Madame Satã no Cinema Pelado (2017) dirigido pela professora Felícia Johansson. Atrizes: Madame Yuri, Heloísa Palma e Felipe Manfrin. Fotos: Isabella Andrade. p.30.

Figura 09 - Madame Yuri e Tita Maravilha trazendo a cena do filme Copacabana Mon Amour de Rogério Sganzerla (Brasil, 1970), no processo de Diplomação I "Cinema Pelado" Dirigido pela Felícia Johanson em 2016. Fotos: Isabella Andrade. Montagem: Madame Yuri. p.31.

Figura 10 - Madame Yuri em *performance* na CRAU Make Up. A foto de cima foi na festa Warm Up Pulsar, e a de baixo foi do Festival Criolina no SCS. Todas fotos tiradas em 2016 pela Gabriula Rabeyla. p.32.

Figura 11 - Festa Criolina no SCS em 2016. Foto por Maria Clara e montagem por Madame Yuri. Performance altamente medicinal. p.34.

Figura 12 - *Performance* "Se é que você me entende". Realizada no SubDulcina, na festa ContraPlano #Take 12 em 2018. Fotos: Mariana Piantino. Montagem: Madame Yuri. *Performers*: Tita Maravilha, Íris Marwell, Madame Yuri e Nathália Azoubel. p.35.

INTRODUÇÃO

Eu, Madame, um corpo estranho que esteve por muito tempo dentro de um armário mofado. De repente, saí aos poucos. Corpo *gay*, homossexual, viado, largado, deixado de lado, excluído, não escolhido e evitado. Motivo de risada, gritaria, buzina e até porrada. Confusa eu sou, falarei disso muitas vezes no trabalho, mas busco definir a confusão, pois é nela que vivo e é disso que gosto.

Transbordo os próprios conceitos que me colocaram. Cansei das normativas do mundo. Seria muito triste sair da Universidade de Brasília sem falar sobre isso. Sobre o meu corpo nessa experiência da Universidade no Mundo.

Até quando o silenciamento iria fazer parte da minha vida? Como conquistar seu espaço e se fazer lembrada? Dentre várias das parceiras de guerra que estão espalhadas nesse Brasil, escolhi trazer logo na Introdução desta pesquisa uma queridíssima amiga que não conheci pessoalmente, apenas nos sonhos. E sonho com ela sempre que escrevo isso. Matheusa Passarelli, Artista Visual, Modelo e estudante na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, assassinada na Zona Norte do Rio de Janeiro. A Modelo estava desaparecida em abril de 2018 e o caso foi tratado com descaso pelas autoridades locais, sendo dito até que era um “crime comum”. Pois bem, encontrei esse texto de Matheusa Passarelli no *site SX Politics*:

“ser corpo estranho é ser cidadão.
na sociedade normativa acadêmica branca colonizada cisgênero heterossexual consumista.
ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. detrimento do bem estar de ser quem quiser. da liberdade de poder habitar.
eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos. utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando. ser só se tornou possível através do contato com corpos estranhos, corpos que habitam suas próprias subjetividades e vivem também na cidade. corpos estranhos em contato provocam descobrimentos e proporcionam o entendimento de outras realidades, o estranhamento não deve ser motivo para tornar negativo os julgamentos.
o estranhamento precisa ser entendido como o contato com o outro.
o diferente. diferente em corpo que se fez em trajetórias individuais.
indivíduos. vivendo em solos de controle e manipulação, sendo colocados como sociedade e por isso obrigados ao contato. corpos se tornam obrigados a servir a moeda. a utilizar da prata para atingir ao progresso, que mais uma vez vai em detrimento dos recursos naturais e livres.
nome, coisa, animal, objeto (adecada)
órgãos de um sistema em funcionamento pleno massacrando permanente.”

Discutir a *performance* de gênero enquanto transformador social e político a partir do corpo estranho que aqui existe e vos escreve. Sabemos que no contexto em que vivemos a luta é diária e não é possível ignorar o fato de que podemos morrer por sermos consideradas estranhas, simplesmente por nosso corpo ser o que é. E para cair de cara numa vida de plenitude instantânea, eu me perguntei: Qual o papel que Madame representa na sociedade brasileira?

É como se no mundo existissem vários papéis, que representamos: a bicha, a travesti, o bicheiro, a dona de casa, a periguete, o sertanejo universitário, o eleitor do bolsonaro, a sapatão masculina, as trans, as secretárias, etc. Tais papéis são contínuos até o papel da vida. Madame Yuri não se faz só disso - do ser bicha afeminada - mas do ser que é o ponto de continuidade da história que viveu.

Madame passou pela barra de seu pai ter descoberto, curiosamente e preocupado, sobre a sexualidade de Yuri. Eu tinha catorze anos de idade graças a conversas minhas com meu namorado na época. Nesse mesmo tempo, logo em seguida, proibida e jogada no armário. Foi tão doloroso. Mas mesmo assim, segui em frente criando um mundo paralelo ao que era normativo dentro de casa.

As divas sempre representaram uma grande inspiração - Madonna (Madonna Louise Veronica Ciccone), Beyonce Giselle Knowles Carter, Lady Gaga (Stefani Joane Angelina Germanotta), Britney Spears, Divine ¹(interpretada por Harris Glenn Milstead), Jeffrey Star e dentre outras do mundo *pop*. Yuri Cássio trancava a porta do quarto ao som alto das cantoras. E foi em sua turnê individual que começou a desenvolver sua capacidade de criar movimento no espaço sem se preocupar se essas movimentações seriam ou não efeminadas. Afinal, dentro do quarto eu era livre de risadas e preconceitos.

À medida que o tempo passou, as portas do armário se abriram. Acabei escancarando as janelas da casa, da rua, da Igreja, dos partidos, da passeata de rua, do carnaval, dos ônibus e até onde não havia portas. Escancarei os ventos que corriam nos meus cabelos grandes. Cabelos como o de Mamãe, minha maior inspiração de vida. Fui me tornando como ela, uma Madame, como uma tia, uma avó e uma mãe. As amigas de Yuri falavam dessa energia, admiravam e

¹ Personagem interpretada por Harris Glenn Milstead (1945 – 1988) presente nos filmes *Pink Flamingos* (1972), *HairSpray* (1988), *Female Troubles* (1974), *Multiple Maniacs* (1970) e *Polyester* (1981), todos filmes do Diretor Estadunidense John Waters. Todos filmes gravados nos Estados Unidos.

sentiam essa força feminina em tudo. Por coincidência, em janeiro de 2015, estavam Eu (Madame), Fernanda Wurmbauer e Nathalia Azoubel – minhas amigas) em transe na Vila de São Jorge – GO, ao acender o incenso de massala da marca Nag Champa, vimos que coincidentemente esse era produzido e distribuído por “Madame Yuri”. Tal coincidência foi tão forte no transe que as amigas não conseguiram prender esse nome em uma caixinha de incensos, ela deveria ser afirmada. O cotidiano fez representar a minha existência.

Qual a fórmula para um mundo melhor? E se não temos resposta para isso, eu te pergunto: Qual a fórmula para se ocupar o mundo? Como fazer com que o corpo ocupe seu território?

No primeiro capítulo trago a minha história de vida para que se entenda a peculiaridade do meu universo. Nascida aquariana. Razão de ser da minha vida, o aquário é o signo da liberdade e libertinagem que tanto quis conquistar. Faço um diálogo com a minha descoberta do ser artista no viés aquariano e homossexual. A trajetória do meu corpo em seu começo. O corpo de Madame transita como ferramenta artística de reivindicação de direitos políticos e de espaço de visibilidade no mundo, busca fazer-se lembrado, e sua *performance* é um recurso de reivindicação política. Corpo que é bicha, não-binária e reflete num caos auto historiográfico: eu, Madame, sou o resultado de tudo o que já fiz, Yuri Cássio Mota Rocha, e continuarei a traçar no planeta uma rota de ocupação dos espaços, independente das formatações normativas vigentes.

Toda essa abordagem de história e vida de Madame sobre a identificação do seu processo de trabalho e pesquisa será analisado juntamente com os escritos de Judith Butler, Renato Cohen, Foucault, Rodrigo Graça e Karen Zivi. Bibliografia escolhida a partir do viés antropológico e político da *performance* de gênero.

No segundo capítulo eu discuto sobre a minha experiência nas Artes Cênicas e trago algumas reflexões do ponto de vista político. As diversas essências das minhas palavras se fazem de um paraíso infinito e intenso em diálogo com as construções realizadas por trabalhos dentro e fora da Universidade de Brasília. Por isso irei discutir neste trabalho sobre o *Cinema Pelado*, dirigido pela professora Felícia Johansson, apresentado na sala BT - 16 da Universidade de Brasília em 2017, onde Yuri, em suas experiências de Madame, trabalhou a personagem de Lilian Lemmertz Dias (1937 – 1986) do filme *Copacabana Mon Amour* (Brasil, 1970), Madame

Satã do filme *Madame Satã* (Brasil, 2002), e o personagem Cecil Be Demented do filme *Cecil bem demente* (Estados Unidos, 2000).

Conjuntamente será abordada a trajetória de arte e vida de Madame Yuri enquanto corpo que transita no mundo e abarcando também suas *performances* de *drag queen* no grupo *CrauMakeUp* e na performatividade do corpo em ocupar espaços antes proibidos.

Eu, Madame Yuri, Yuri Cássio Mota Rocha, um corpo que escreve e é vivo. Este trabalho tem um objetivo de afirmação do que antes me negaram, afirmar o que pensam de mim. O intuito é de me fazer viva na Universidade de Brasília e fazer que minhas amigas (comunidade LGBTI) – alvos de repressão – sejam lembradas e marcadas por serem maravilhosas. E isso é meu objeto de discussão para que consigamos criar um Brasil melhor, mais informado e mais justo com artistas-sujeitas criadoras como eu.



Figura 01 - Madame Yuri na 1ª edição da Festa Limbo em 2016. Foto da La Conga Rosa.

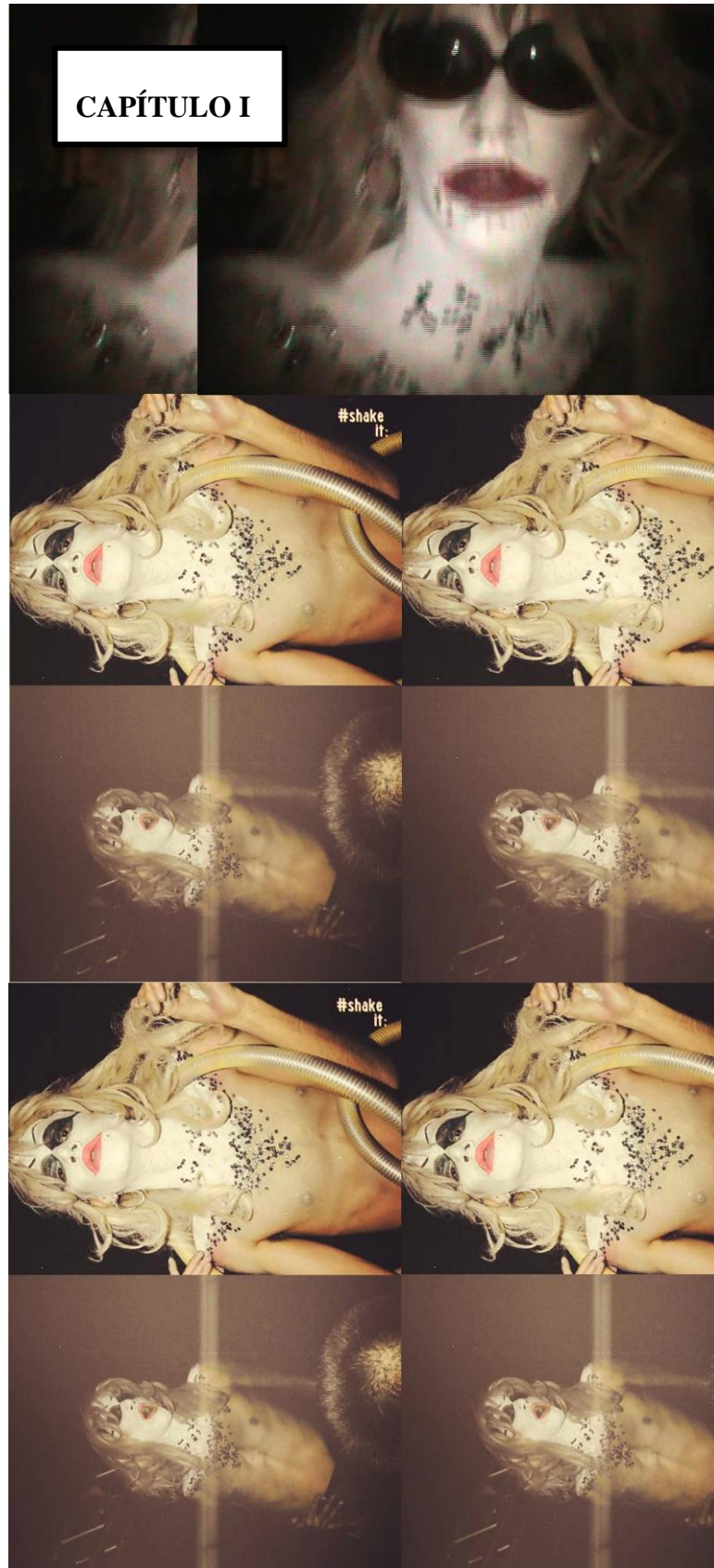


Figura 021 - Madame Yuri em performance com o coletivo Crau Make Up em 2015 na festa Grau II no Setor Comercial Sul. Foto: Pedro Lacerda (Shake It); Montagem: Madame Yuri

1.1. Um corpo estranho e marginal enquanto sua performatividade

A distância e o julgamento foram as primeiras sensações que identifiquei na minha infância escolar. O ambiente da escola sempre foi exclusivo e pertencia a grupos de pessoas que não me representavam e não acolhiam minhas diferenças implícitas.

Eu, Yuri criança, criança viada, ainda era muito jovem para saber o que eu era, mas havia uma poética que se assemelhava à de minha mãe Celma. A mãe de Yuri também não sabia, por isso rezavam às quintas e aos domingos. Yuri era católico apostólico romano, viu que a Igreja olhava demais para ele, e por ele. Com uma negação à sua vivência homossexual, o padre me disse para afastar todo espírito de homossexualidade, que rezasse muito para que isso fosse superado. Yuri abandona a igreja, assim mesmo em minúsculo.

Nas salas de aula do colégio católico as piadas e exclusões desenvolveram até mesmo uma timidez não natural. E foi difícil adquirir poder na fala aonde não se vê problema em ser o que se é. Mas mesmo assim, a figura homossexual parece ainda ser uma das favoritas no Brasil, ainda que completamente difamada, seria como a história de Geni – Personagem de Chico Buarque na *Ópera do Malandro* (Rio de Janeiro, 1979) – em que nas primeiras estrofes se vê a alegria que o universo colorido da homossexual traz, ela pode salvar todo mundo na história. Entretanto, no final da música, jogam pedra na Geni e maldita seja ela. Maldita é Madame também. E assim como a universo LGBTI foi galgando representatividade e voz, Madame foi deixando de ser Yuri Cássio Mota Rocha e foi se tornando Madame.

Mas por que tudo isso acontece? O que tem de tão estampado em mim que faz com que não tenha jeito de passar despercebida? Acontece justamente porque o que está estampado em: todas as partes que formam o meu corpo, as extensões que saem de mim (voz, andar, cheiro, olhar) e os rastros que deixo pelo espaço; tudo isso é muito viado. É viado demais para o mundo normativo. Fui descoberta dentro do meu próprio corpo antes mesmo de me contarem sobre tudo isso. Quando me contaram, já foram logo me induzindo para sair fora dessa.

Nesse mundo eu sou uma peça estranha da engrenagem que desmunheca no seu agir, que chama a atenção e faz com que se sintam no direito de reivindicar o contrário do que sou. Eu cruzei o caminho da volta um dia, mas não sabiam: todos os caminhos que vou traçando, sem eu mesma querer, por si só são de ida.

Podemos observar que a própria linguagem que utilizamos para identificar e nos comunicar automaticamente marginaliza o comportamento homossexual e feminino, falhando em não contemplar um universo amplo de direitos e potencializando o privilégio masculino, branco, elitista e heterossexual (o nível máximo de um privilégio). Seja pela generalização masculina em um artigo que define um grupo de mulheres como “eles” devido à presença única de um homem, seja também pela utilização da palavra “viado” como ofensa máxima e descaracterização humana da pessoa.

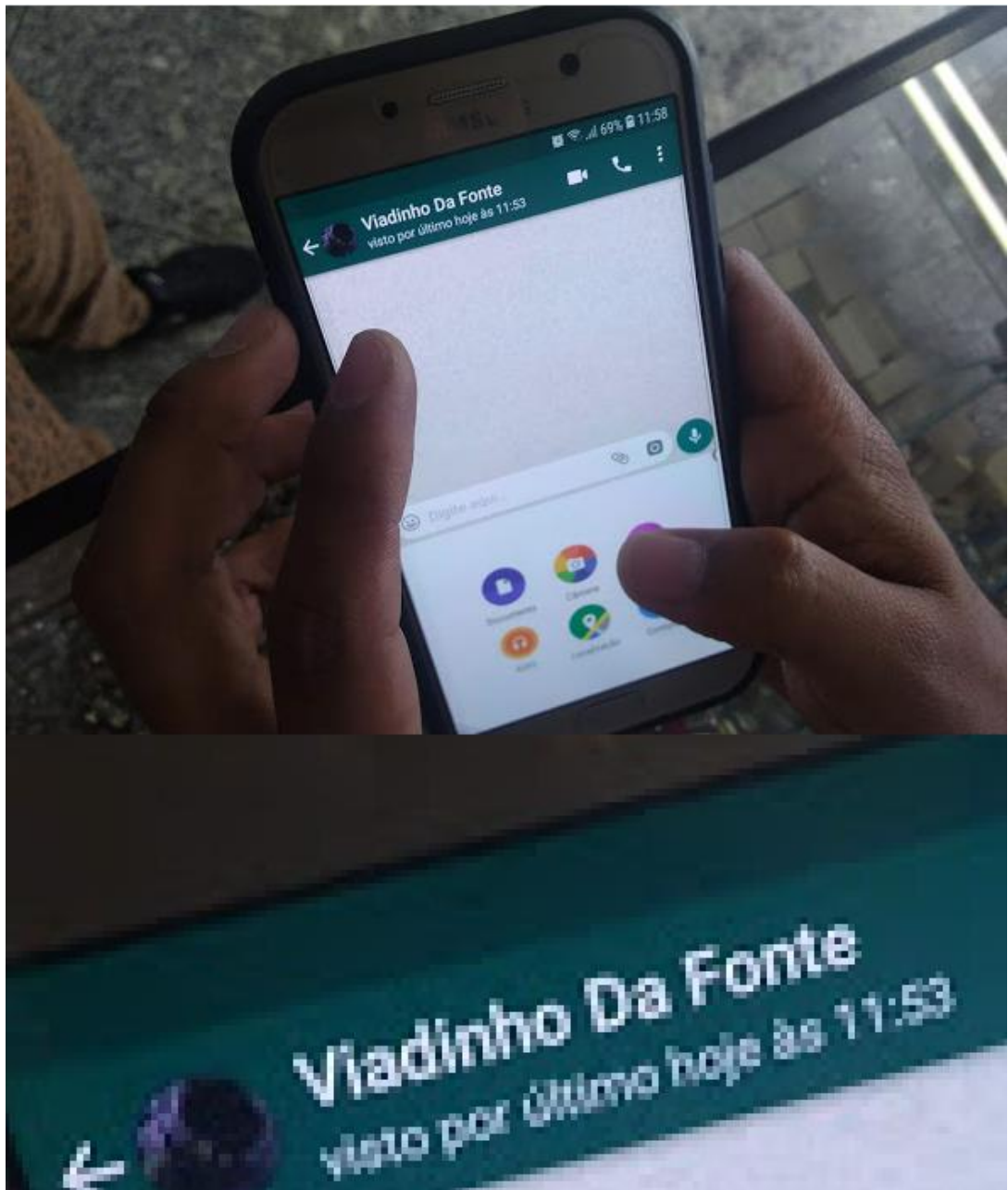


Figura 2 - Dia em que pedi ao atendente da loja Telvox (CLN 311 Bloco B) que me enviasse um comprovante de uma situação anterior com minha fonte. Ele não achava o nome do contato do número até que eu pedi que criasse um novo e apareceu: "Viadinho da fonte". Foto: Eu.

“Lixo”, “Demônio”, “Bicha” e “Que porra é essa?”: Foram os adjetivos e expressões que mais ouvi da sociedade. E já que essa foi a construção do meio em relação a mim, essa é a forma que me fui autoconstruindo. Ao sair da Igreja, me coloquei em espaços com pessoas que me respeitavam, me admiravam plenamente e os sentimentos eram recíprocos. O espaço de plenitude me fez entender o tamanho do poder transformador que sou – homossexual e não binária – e o quanto transformei a reação de me censurar para reagir ao sistema que me olha estranho. Sendo esse o meu empoderamento de vida a partir da dinâmica de expressão do meu gênero – “agênero”, “re-identificandos” códigos - recriei esse universo me colocando no espaço, assim como também comecei a perceber a necessidade que essa presença estranha se faz nele.

O corpo humano é algo tão complexo de definições que, quando amarrado, simplesmente rasga as cordas com os próprios braços, transforma as cordas em saias e vai-se embora. O desequilíbrio vem como uma ação equilibradora do universo. Naturalmente o corpo estranho se apresenta nos espaços de forma que se destaca dos outros corpos incessantes de preconceito. Sobre a apresentação de um corpo e suas reverberações, Karen Zivi, professora de Ciências Políticas na Grand Valey University dos Estados Unidos, afirma:

(...) Quando realizo uma reivindicação de direito, significa que eu posso ter que explicar por que eu acho que eu tenho direito ou eu posso ter que contextualizar minha reivindicação de direitos. Eu não posso simplesmente dizer, “eu tenho direito”, seja a pão ou telefone celular, e esperar que seja compreensível (...) ou posso ter que representar ou performar certas formas de vitimização ou racionalidade ou capacidade na minha tentativa de tornar. (2008, p.166)

O corpo, em sua fase inicial que constitui as percepções do mundo – tanto de si para o todo quanto do todo para si – se colocado já em estado de rejeição começa a querer entender o processo entre o eu e a sociedade. Após as consecutivas descobertas sexuais, o corpo, ao ser apresentado no espaço-tempo, dialoga e discute com o seu meio na virtude de performar a capacidade que se tem de tornar-se participante de um direito.

A performatividade do gênero no espaço é a resposta que nosso corpo cria por si só para o universo. O corpo que ao mesmo tempo é violentado, violenta cada vez mais os violentadores com sua transgressão. A imagem, o visual, o apresentar-se torna-se cada vez mais necessário. E tal necessidade vem de dentro e do passado de cada artista bicha-performer.

A institucionalização do gênero foi feita a partir das grandes formadoras da nossa cultura sociopolítica, que na história muitas vezes foi definido por instituições poderosas como a Igreja. Definindo-nos, assim, em termos específicos, de forma a fixar limites como se o corpo fosse sempre passivo à sociedade. No livro *Problemas de Gênero*, a autora Judith Butler, filósofa e teórica feminista estadunidense, diz:

(...) A distinção do sexo/gênero e a própria categoria sexual parecem pressupor por uma generalização do “corpo” que preexiste à aquisição de seu significado sexuado. Assim, esse “corpo” parece ser um meio passivo que é significado por uma inscrição a partir de uma fonte cultural representada como “externa” em relação a ele.” (2003, p.185).

Isso pode ser exemplificado em várias situações de observação das formas em que somos colocadas e reputadas na sociedade e por ela. Assim que uma bicha adentra um espaço com outras pessoas que são heterossexuais, provoca um lugar de incômodo e distância naturalmente. De modo que naturalmente ignoram muitos aspectos e preconceituam de suas formas o que somos. Sobre isso, Judith Butler completa: “(...) o que constitui o limite do corpo nunca é meramente material, mas que a superfície, a pele, sistemicamente significada por tabus e transgressões antecipadas.” (2003, p. 188).

O corpo e os limites linguísticos de conceitos que prendem a sua transformação, antecipam muitas dos significados que Madame pode expressar no espaço. Pelo simples fato de ser homossexual e efeminada: corpo que transita fora das definições de gênero e intensifica o transtorno do mundo normativo.

O problema do gênero está em suas percepções mal colocadas dentro das cabeças humanas e também o distanciamento dessas cabeças com muitas das questões que estamos abordando neste trabalho. Enfim, observa-se que estamos num lugar normativo, quase uma Igreja, em que a sociedade faz vigília em torno de nossas vidas.

Eu, figura Madame perversa, me coloco em uma completa *performance* de mim e me faço *performance* pois estou partindo do ponto que vivo. Mesmo ponto que converge comigo mesma. O ponto de partida que digo é o mundo normativo heterossexual. Novamente trago a fala de Judith Butler:

(...) Quando a desorganização e a desagregação do campo dos corpos rompe a ficção regulador da coerência heterossexual, parece que modelo expressivo perde a sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça da lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever.” (2003, p.194)

Em diversos espaços é possível observar a *coerência heterossexual* completamente atrelada aos costumes e escolhas do nosso mundo. Como, por exemplo, no teatro visitamos dramaturgias machistas, ambientes machistas e escolhas que inibem a expressão de gênero da performer em prol de uma incoerência. Mesmo sabendo de todas as possibilidades corpóreas, a alteridade em relação ao universo heterossexual é uma questão de poder aonde somente quando se coloca mais forte em relação a ele é que conseguimos romper esse véu. Judith Butler pensa:

(...) atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes que sugerem, as nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (2003, p.194)

Assim tão bem como a construção corpórea se dá por meio de signos de identificação – como diz Butler– observa-se, também, o trajar desse arquétipo e suas conseqüências no jogo da vida. Faz-se necessário esse vestir-se dos signos, pois não haveria de ser de outra maneira. A não ser que o objetivo seja não evidenciar os gestos. Seja manter-se discreto ou não. A sexualidade e a sua forma de agir com ela muitas vezes se expressam ou não.

Ou seja, o corpo se faz na sua performatividade pelo que é em si através dos signos corpóreos que representam na própria realidade; essa seria a linha tênue entre a realidade que se cria para si em função da sociedade, rompendo, através dos atos, a ditadura heterossexual e falocêntrica: em que as bichas representam uma grande ofensa aos machos. Nessa lógica a performatividade repete em ofender, atacas e subverter a ordem. Em concordância com os papéis já preestabelecidos que representamos na sociedade. A performatividade que se dá através dos impulsos naturais do corpo, em relação ao universo urbano, vem como uma reivindicação dos próprios direitos. Rodrigo Graça, mestre em Filosofia pela UFPE, sobre isso afirma:

(...) Nesses três âmbitos abordados da performatividade (corpo/gênero, linguagem e reivindicações de direitos), a transformação como possibilidade política é pensada na condição de repetição das relações de poder. (2016, p.17).

Ou seja, é como se o jogo performativo se desse a partir do momento em que encaramos a existência dele. E esse jogo se estabelece em diálogo com as relações de poder. Relações que envolvem todas as questões de privilégio e desprivilegio, marginalismo social e elitismo. Falo desses termos, pois é a partir do desprivilegio e da marginalização em ser homossexual, conseguimos entrar no diferencial óptico do povo LGBTI. Somos tão atacadas no dia a dia que

a vontade de subverter se torna maior, o medo menor. A violência talvez cresça, mas o corpo resiste.

A resistência se faz enquanto existência do corpo dentro do contexto normativo. A existência se faz resistir em divergência com os ideais de uma hegemonia heterossexual. Sendo assim, pode-se inferir que o corpo em sua vivência marginal, independente de ação artística, se faz automaticamente político e controverso simplesmente pela sua íntegra existência.

Esse jogo é uma questão de escolhas. Eu digo que não se torna homossexual, se nasce e cada contexto constrói o formato de bicha que está por vir. Porém, tem algo que se diz diretamente ao performativo, pois nesse mundo – levando em consideração a incoerência heterossexual – é preciso tomar decisões enquanto corpo que atravessa o espaço e possui desejos de aparições e vestimenta.

A partir disso, vamos criando uma série de relatos e experiências que vão nos fazendo diferenciar um leque de reações de cidadãos assistindo a minha aparição, Madame, com um vestido curto entrando no ônibus, com uma bermuda grande, com apenas um batom, com as unhas pintadas ou completamente de barriguinha de fora. Todas essas caracterizações apresentadas são definições grosseiras dos tipos de aparição que são feitas. E o cidadão vem e se pergunta: que tipo de pessoa é essa? Eu digo: essa pessoa é daquele tipo que respira, vive, se alimenta, trabalha atrás de dinheiro e deseja ter dignidade na vida. O espaço que todos vivemos, antes de todo processo de civilização, certamente era de quem fosse existente. Hoje, após terem nos assaltado, tomamos de assalto esse espaço para que cada vez mais ele seja nosso também.



Figura 043 - Madame Yuri na frente da lixeira do seu apartamento de aluguel no ano de 2017 na QE 40, Polo de Módas - Brasília - DF. Foto: Jaja Rolim

1.2. As indefinições de Aquário: a vida que construí em diálogo com o Teatro e a *performance*.



Figura 05 - Madame Yuri e sua mãe Celma Mota. Era dia das mães na escola. Foto de 2000

A construção de Madame se fez como a de muitas outras homossexuais: cresceu para ser homem, na cabeça do Pai e da Mãe, mas ela não percebia que já tinha uma melhor amiga crescendo ao seu lado. A descoberta foi dramática e apoteótica. Mas assim que entrou na Universidade, não teve jeito de seguir o caminho que era objetivo da sua família.

Quando criança, já era colocada e criada de modo a representar um papel masculino na família, mas naturalmente o meu corpo respondeu aos impulsos do universo feminino – materno como minha mãe em mim – e trazendo uma poética peculiar no ambiente do lar. Posso analisar o quanto isso refletia sobre os meus gestos, mesmo quando criança, e o quanto isso definia diversas questões da minha vida.

O corpo de Yuri vive, viveu e continuará vivendo em um espaço disciplinado, porém, extrapolando as linhas limitadoras na sua trajetória de vida. Tais limites colocados na sociedade querem me transformar em um “anti-eu”, só que o “eu” busca uma anti-disciplina, uma anti-verdade constante de modo a quebrar o “eu” em construção, mas fugir do anti-eu, que é a disciplina.

Michel Foucault (1926 – 1984), pensador e filósofo francês, vem em seu livro *Vigiar e Punir* (São Paulo, 2001) fala sobre o sistema de penas prisionais/judiciais enquanto meio de coerção e suplício de criminosos, normalmente na Europa, entre o final do século XVII e o início do século XVIII. Foucault afirma:

(...) No ponto de partida, podemos então colocar o projeto político de classificar exatamente as ilegalidades, de generalizar a função punitiva, e de delimitar, para controlá-lo, o poder de punir. Ora, daí se definem duas linhas de objetivação do crime e do criminoso. De um lado, o criminoso designado como inimigo de todos, que têm interesse em perseguir, sai do pacto, desqualifica-se como cidadão e surge trazendo em si como que um fragmento selvagem de natureza; aparece como o celerado, o monstro, o louco talvez, o doente e logo o “anormal”. É a esse título que ele se encontrará um dia sob uma objetivação científica, e o “tratamento” que lhe é correlato. De outro lado, a necessidade de medir, de dentro, os efeitos do poder punitivo prescreve táticas de intervenção sobre todos os criminosos, atuais ou eventuais: a organização de um campo de prevenção, o cálculo dos interesses, a entrada em circulação de representações e sinais, a constituição de um horizonte de certeza e verdade, o ajustamento das penas a variáveis cada vez mais sutis, tudo isso leva igualmente a uma objetivação dos crimes e dos criminosos. (2016, p. 121).

Eu sou a criminosa designada inimiga de todos. O sistema, em sua natural inconveniência da normatividade heterossexual, objetificou nossos corpos de modo a colocá-los no padrão e em molde das intenções piramidais criadas por eles mesmos. A construção de moldes e de significação de corpos faz de nós objetos cegos caminhantes de uma rota já prevista por um poder invisível. Essa rota, muitas vezes, vem como um filtro no olhar alheio - olhar que já está viciado nos moldes e que obedece sem enxergar de fora - que naturalmente preconceituam ações por eles visto. A rota pode ser criada pelas instituições governamentais, religiosas, familiares e heteronormativas. A normatividade é o termo que uso para definir esse caminho previsto. A não-normatividade é quando o corpo destrói os moldes e segue uma rota não prevista.

Sendo assim, a punição, a objetificação científica, a desqualificação da cidadania e a organização de um campo de prevenção, citados por Foucault, são todas ferramentas que, se atualizadas, configuram nos tempos atuais o preconceito e falta de empatia com o grupo LGBTI. Como exemplo temos a hegemonia heterossexual reivindicando a queda de Direitos Humanos voltados às cidadãs LGBTIs, confundindo direitos com privilégios sem uma prévia avaliação da história da humanidade.



Figura 4 - Madame Yuri em Luís Eduardo Magalhães - BA. No Encontro Nacional de Estudantes de Arte que foi em Salvador no ano de 2017. Foto: Tita Maravilha. Montagem: Madame Yuri.

Eu, Madame Yuri, cada vez mais na subversão do gênero que haviam me designado, andrógina e com as loucuras do cotidiano. Fui atravessada com a performatividade enquanto chave para que o corpo pudesse completar trajetos no caminho da vida. Inconsciente e às vezes consciente, o espaço, com o ar viciado da hegemonia heterossexual normativa, destaca a minha presença com a composição visual que transmite. Isso se dá no espaço de opressão familiar, com ideais cristãos, machistas e homofóbicos, que verifica respostas transgressivas no comportamento comum da sua filha homossexual. Ou como quando vivenciei com grupos de primos piadas, a forma como te escolhem para grupos de brincadeiras e as risadas no fundo. Eu nunca sabia se era comigo e na escola não foi diferente. Parece até loucura, mas desde criança o povo ri da minha cara.

Eu já fui muitas coisas antes. Mas quem é Madame? Quem é Yuri? E quem são cada uma delas? As indefinições de Aquário em um oceano de água. Incerto e infinito. Defendo o direito de confundir em altas escalas. Em não definir. Em fazer-me porosa por olhares. Em não me definirem por obrigações. Confundir-me. Confundir você, leitor. Pude em um momento me chamar de ator. Atriz foi o segundo nome.

Madame é uma figura materna, uma Vó, uma tia que veio da mãe de Yuri. Essa entidade me persegue desde quando me lembro de que sou algo nessa vida, porém muitas vezes fui obrigado a fugir disso. E tinha medo de ser tão amiga da mulher que habitava o meu ser. Quando entrei no curso de Artes Cênicas na UnB, descobri com as pombas que giravam ao meu redor (as LGBTI's, minhas amigas na mesinha da praça do Ida no Departamento de Cênicas na Unb), que Madame era sim possível. Ser feliz é possível.

A perseguição se inverte. Uma vez perseguida por Madame, hoje, com ela, me perseguem. E quem diria... Até Yuri, o meu próprio eu, persegue os passos de Madame. O processo de incerteza aquariana faz com que eu não construa um grande monumento para criá-lo eternamente e ir restaurando com o tempo, mas acabo por sempre que construo acabo por destruí-lo por completo e fazer algo completamente diferente. Essa metáfora é uma coisa que penso desde muito novo. Aos 7 anos eu, Yuri, queria ser padre. Acabei virando Madame.

Quando quis fazer Artes Cênicas, queria muito ser ator de Teatro. Mas acabei me desconcertando em não me sentir belo o suficiente, bom o suficiente, encaixado o suficiente em um espaço que percebi em algum lugar que não era pra mim. Mesmo tendo uma característica

de aceitabilidade LGBTI muito grande nas Artes Cênicas, ainda assim vejo que o contrafluxo, a destruição de monumentos e a rebeldia são os meus grandes aspectos.

Sendo assim, acabei por sempre me unir em tribos pequenas de travestis, mulheres empoderadas, bichas monstruosas e pessoas que assustam a normatividade. Nessa união pude sempre fazer do meu universo criativo algo que se congrega com o outro e faz com que a soma das monstruosidades vire uma monstrosa cabulosa (monstra enorme, forte e poderosa).

Ao descobrir que não era ator o que eu queria ser. Mas sim um *performer* que performa de ator, sonoplasta, Madame, produtora, criatura da festa, etc. Descobri cada uma dessas coisas que citei agora acima. Às vezes, em busca de dinheiro, faço *performance* para tê-lo. Às vezes em busca de mim mesmo, crio alguns trabalhos que se mostram como a grande face de mim mesma. Sei disso, não só porque vejo os outros aceitando o que faço, mas porque dentro de mim me sinto encaixado no desencaixe do mundo.

Pude ser mais forte na vida, sabendo que em um momento o que eu menos queria era a presença paterna. Que já pensei em desmanchar todos os laços. Mas que hoje surpreendeu, com bastante resistência, em aceitar minha sexualidade.

E se chegou o momento de rir comigo mesmo, sozinha, com meus grupos de amigas – que confio em rirem consigo mesmas, pois temos histórias parecidas – é porque entendi que a dinâmica do sofrer não me contempla enquanto ser humano. Sou uma pessoa plena e por isso montei um feitiço utilizando as dores que guardei no meu coração por conta de ser quem sou.

Receita do feitiço:

Dores do meu coração

Dor número 01 - Piadas sobre minha sexualidade.

Dor número 02 - Quando querem me afastar das mulheres.

Dor número 03 - A provável dor número 01 da minha família.

Dor número 04 - A igreja no seu papel de ter me feito sentir dor por ser quem sou e além disso me causou a dor número 01 diversas vezes.

Dor número 05 - O Brasil é o país que mais assassina homossexuais no mundo².

² Dados disponíveis no site de notícias da Rádio Senado: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo> (consultado em 22/11/2018)

Dor número 06: Acharem que por ser bicha não sou capaz.

Dor número 07: Quando achei que eu não deveria existir só por ser bicha.

Pego as dores e neutralizo com neutralizantes naturais, expressivos e poéticos. A poesia que se faz em mim transborda minha pele, sai do meu corpo e atravessa o outro. E são sentidas pelo poder expressivo que têm. A bicha que habita em mim é algo que luta por não sentir dores. Faço não me sentir. Mesmo dolorida. Na pura dor que há em mim, exala a glória de estar viva.

Eis um significado dicionarizado de empoderamento, para que continuemos nossa conversa:

(...) Empoderamento é a ação social coletiva de participar de debates que visam potencializar a conscientização civil sobre os direitos sociais e civis. Esta consciência possibilita a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política.

O empoderamento, destacando para o contexto da Eu Madame, se trata de quando abraçamos nossas dores para viver o que vem a partir delas. Mas conhecendo as minhas dores, me dei espaço para conhecer algumas outras virtudes minhas. Para um dia fazer com que a piada que já fazem há muito tempo de mim virasse nada. Piadas sem graça não me representam, mas me dão força.



Figura 07 - Personagem Coulmier do resultado da disciplina Interpretação e Montagem, dirigido por Cecília Borges o espetáculo "Marat, Sade, Corday e o Resto: uma manicômica tragédia pantominmática. Ocupação da Funarte - Brasília, 2016. Foto: Sheyden Afroindígena

2.1. O corpo estranho versus Universidade: o empoderamento, a crítica e a autocrítica.

Escolher ser ator foi uma das coisas mais absurdas que fiz na minha vida. Considero a melhor das decisões. Digo melhor porque gosto de ser absurdo. E se essa escolha se aproxima com as duas definições é porque vivi um contato intenso com grupos que antes estavam muito distantes de mim e, com isso, a importância de ter sido extremamente transformador para a minha construção humana e formação artística.

Para muito além do ofício da Interpretação Teatral, que foi o que me impulsionou a entrar no curso das Artes Cênicas, eu quis fazer parte do grupo de pessoas que estudaram desde que eu entrei pela primeira vez na porta do Departamento de Artes Cênicas. Minhas vivências e escolhas são baseadas no afeto que crio com elas. Minha primeira Professora de Artes Cênicas foi Bidô Galvão.

Bidô, Ana Cristina Galvão (Rio de Janeiro), é uma grande atriz do Teatro e do Cinema de Brasília. Ela foi minha primeira grande professora. Foi uma bela recepção para mim. No nosso processo criativo, “*Verdades que nos mentem*” (UnB - Brasília, 2013), investigamos vários processos sobre o que seria a verdade das coisas. Partindo disso, discutimos sobre mentiras que estão por trás de verdades, como por exemplo histórias sobre Relatos da 2ª Guerra Mundial, Teorias da Conspiração, Histórias pornográficas da Chapeuzinho Vermelho, o verdadeiro “gênero” de uma pessoa, a mudança de gênero, a mudança de aparência, a mudança de *homo sapiens* para gato e as verdades por traz do universo astral.

Os exemplos citados são algumas das histórias contadas teatralmente partindo de uma pesquisa sobre o tema. Dentro do meu grupo de trabalho, nós colocamos como busca as histórias sobre confusão de gênero, mudança de gênero, cirurgias plásticas e mudança de espécie. Consequentemente, sendo essa a minha recepção, pude ter a confirmação de que o drama que vivia antes já havia sido superado para uma vida nova.

Com o empoderamento, a partir desse reconhecimento das dores, eu trouxe o reconhecimento de que meu trabalho é atrelado, se incorpora aos trabalhos do departamento, é reivindicador de direitos. Dentro do curso da Universidade de Brasília você verifica em algumas ementas que elas priorizam o desejo da autonomia do performer/ator/artista.

No cinema temos o *fisique du role* que consiste em designar atrizes que tenham aparência favorável à da personagem. Sendo assim, verifica-se que em uma gama de possibilidades há a exclusão de dramaturgias que dialoguem com as discussões contemporâneas que trazem a cultura LGBTI na representação.

Em casos da defesa desse aspecto de liberdade de escolhas e do fazer-se representativo enquanto corpo artístico em *performance*, muitas vezes fui respondida com: “O ator precisa sair da sua zona de conforto”, eis uma fala machista que mostra a hegemonia heteronormativas emitida por um professor em aula. Retruco a essas respostas prontas de um clandestino e oculto preconceito com o meu desconforto diário de ser quem eu sou e de quando neguei, muitas vezes, sobre isso e vivi mentiras.

A hegemonia machista não invadiu meu processo de Diplomação (2017) com Felícia Johanson no *Cinema Pelado*. A proposta inicial para o processo criativo foi o de pesquisar “Cenas Desejo” de cinema que poderiam ser realizadas no espaço teatral. Com isso, a personagem de Lilian Lemmetz Dias (1937 – 1986) do filme *Copacabana Mon Amour*³ (Brasil, 1970), Madame Satã do filme *Madame Satã* (Brasil, 2002), e Cecil Be Demented do filme *Cecil bem demente* (Estados Unidos, 2000) foram os processos que vivi enquanto construção de personagem e dramaturgia. “Cenas Desejo” são cenas de filmes que desejamos entender, se aprofundar e interpretar.

Ouvi da banca, sobre este trabalho, que pouco se havia desenvolvido em questão de personificação dos personagens. Eu vejo isso como uma rebeldia na forma de me fazer presente. Não faço questão de uma atuação que exagera ou pretende ser algo. É possível reconhecer nas três personagens energias que são indubitáveis na construção da Madame, eu. São elas: A sensualidade de Lilian Lemmetz Dias (digo sensualidade, pois nessa energia se vê a Madame chupando dente, olhando bem gata pro espelho e se achando), a força e vida difícil de Madame Satã (Isso pelo que se vê nos capítulos 01 e 02 desse texto) e a loucura intensa de Cecil be Demented.

Verifico que na minha passagem dentro do processo, eu e minha parceira de cena Tita Maravilha, em *Copacabana mon amour* (Rio de Janeiro, 1970), tivemos vários encontros

³ Rio de Janeiro, 1970. Dirigido por Rogério Sganzerla. Disponível no youtube: <https://youtu.be/XCwgcD5pLGA>

na defesa da cena em fazê-la ser assistida e na definição de gênero das criaturas que ali estavam. Optamos por sermos travestis. Então, trouxe aqui o significado dicionarizado de Travesti, para melhor entendermos:

Travesti, (francês travesti), substantivo de dois gêneros. Significados: Disfarce sob o traje de outro sexo; Papel de um. Ator com vestuários usuais no outro sexo; Pessoa que pratica o travestismo. = TRANSFORMISTA. Palavras relacionadas: travestimento, travestir, travestista, traveco, traveca, travestismo, transformista.

Com isso me sinto aliviada. Sabia que tinha feito a escolha certa para o momento. Momento em que não havia me definido o gênero da Eu, Madame, contudo não apenas não o definir como também insisto em confundir e provocar uma sensação de erro. Acredito que sou o mais certo que poderia ser de mim. O erro é uma sensação que vejo no olhar externo da sociedade da hegemonia machista. E assim me sinto aliviada. Estava fazendo a escolha certa sendo eu: o erro mais certo.



Figura 08 - Madame Yuri na cena de Madame Satã no Cinema Pelado (2017) dirigido pela professora Felícia Johansson. Atrizes: Madame Yuri, Heloísa Palma e Felipe Manfrin. Fotos: Isabella Andrade



Figura 09 - Madame Yuri e Tita Maravilha trazendo a cena do filme Copacabana Mon Amour de Rogério Sganzerla (Brasil, 1970), no processo de Diplomação I "Cinema Pelado" Dirigido pela Felícia Johanson em 2016. Fotos: Isabella Andrade. Montagem: Madame Yuri.

Outro trabalho que considero relevante na minha construção de *performance* em confundir as identidades do gênero da eu, Madame, é minha participação no grupo Crau Make Up (2016 – 2018). Começamos no início de uma era onde minhas amigas Briu, Loba e Kedi Neo estavam quebrando as relações com seus ex-namorados. Isso aconteceu logo após as ocupações do Ministério da Cultura (Funarte Brasília – 2016) e da Universidade de Brasília (Instituto de Artes - 2016) em que estávamos militando para derrubar o golpe (2016) antidemocrático para o *impeachment* da primeira Presidenta do Brasil.

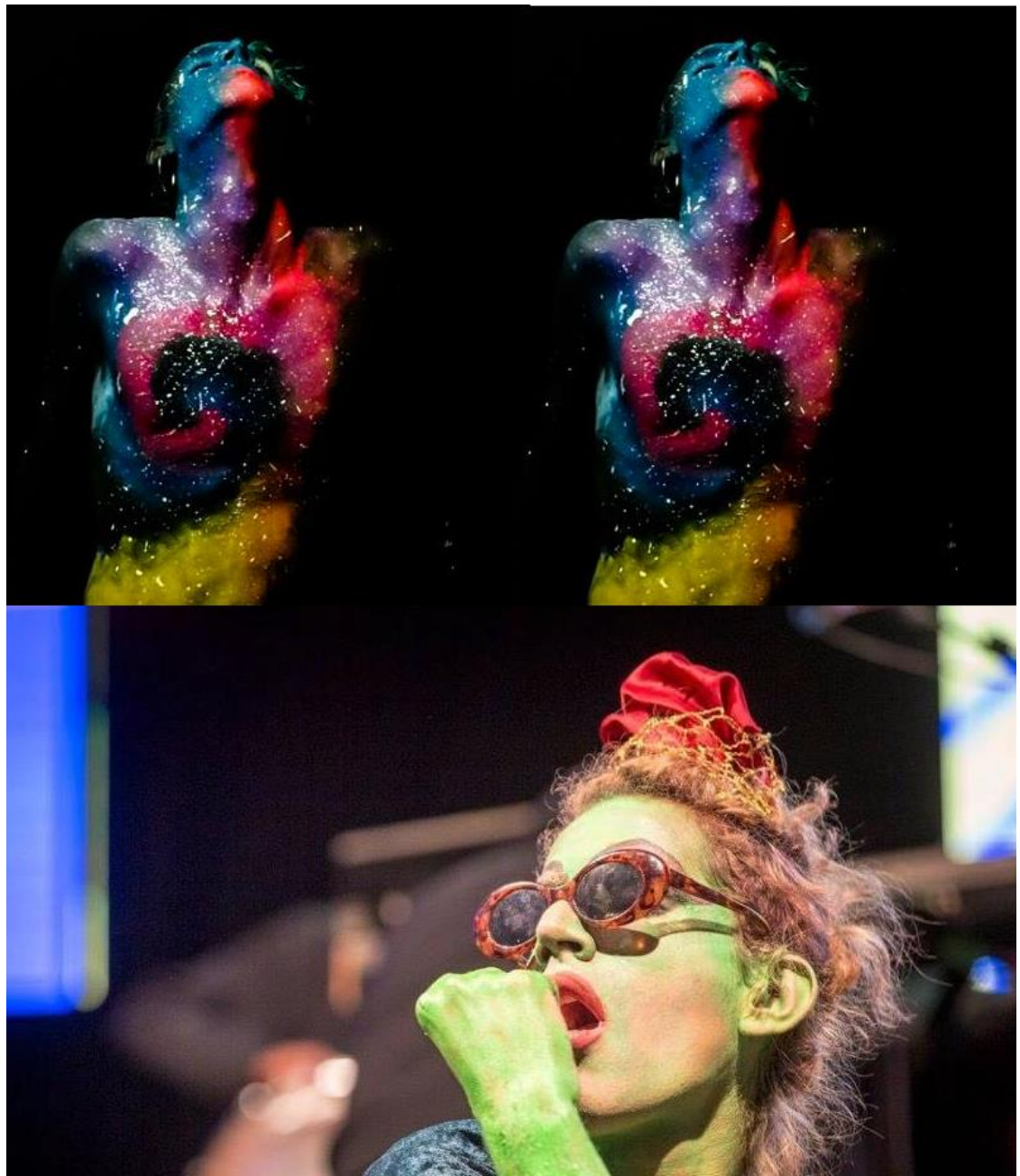


Figura 10 - Madame Yuri em *performance* na CRAU Make Up. A foto de cima foi na festa Warm Up Pulsar, e a de baixo foi do Festival Criolina no SCS. Todas fotos tiradas em 2016 pela Gabriula Rabeyla.

As ocupações significaram muito para a gente, pois foi num espaço aberto de discussões sobre o movimento e sobre o que gera o movimento, que são os ocupantes/militantes. Isso nos colocou em contato com pessoas especiais, falas maravilhosas e novas ideias de como observar o nosso cotidiano e militar junto dele. Sendo assim, já não era mais tarde para todas observarmos a falta de senso e excesso de machismo em alguns homens que andavam com a gente, mas não conseguíamos entender e nos posicionar diante disso antes. Pois bem, agora eles estão bem longes. E as meninas se uniram. Se uniram em cima de um projeto: *A Crau Makeup*⁴.

A Crau (2015 – 2018) era e é um projeto de liberdade artística. De *performance* do cotidiano em seu excesso. Criávamos a todo momento filmes e materiais que não sabíamos muito bem como levar para frente. *A Crau Makeup* (2016 – 2018) foi um projeto que pesquisava a *performance* em ambientes de festa na cidade de Brasília. Foram elas: Contra- Plano (2018), 100 Anos de Festa (2018), Grau 3(60) (2017), Festival Criolina I edição (2017), Criolina no Setor Comercial Sul (2017), Criolina no Conic (2017), Limbo (2017), Warm Up Pulsar (2017) Grau II (2017).

Nosso processo criativo foi baseado nos desejos individuais acerca de um tema. Para cada festa escolhíamos uma temática para união do grupo. E dentro desse mundão que cada tema traz, cada um trazia um tipo de personagens. Foram vários tipos, mas dentro deles destaco minhas Drags, A Fiona Louca Divine (Festival Criolina I edição – 2017) e as Britneys de Madame (Contraplano – 2018; Grau3(60) – 2017). As Britneys de Madame é algo que ainda carrego quando toco de DJ na Cidade.

O que realmente importa dizer sobre este trabalho é que nele pude encontrar diversas formas de me exibir ao mundo e de poder chocar alguns olhos que precisam de choque em uma festa. Não faço *Drag Queen* de entretenimento, e nada contra às minhas amigas que fazem. Faço *Drag Queen* sem a busca do *realness*⁵. E, sendo assim, acabei fazendo confusa as identidades que materializaram a Eu, Madame em suas versões festivas.

Confusa digo, pois ao me distanciar do *realness* em uma proposta que, no seu lugar de importância, muitas vezes acaba por normatizar a estética da *Drag Queen*. Isso se faz pela presença de acessórios que se alinham com o universo feminino criado pelo mundo normativo.

⁴ Todo conteúdo de *performances* do coletivo está disponível em: <https://www.instagram.com/craumakeup>

⁵ Realness: categoria de *drag queen* que se assemelha ao máximo de uma mulher completa.

Como enchimentos de peitos e de nádegas, esses acessórios são como a peça chave para se tornar mulher no momento do *show*. Mas não quis ser mulher, quis ser Madame.

Madame, a quebra de normatizações do mundo e de si mesma, navega em várias histórias dentro da própria vida. Eu, Madame, construí um mundo aonde exploro, em *performance*, o que há de mais próximo no meu mundo e que não precise de uma deformação do meu corpo. É como o que Renato Cohen (1956 – 2003), ator, diretor, pesquisador, *performer* e teórico, diz no seu livro *Performance como linguagem*:

(...) A *live art* é um movimento de ruptura que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista. A ideia é de resgatar a característica ritual da arte, tirando-a de "espaços mortos", como museus, galerias, teatros, e colocando-a numa posição "viva", modificadora. (2002, p.38)

A *live art* então faz se presente nas diversas trajetórias da Eu, Madame. Ritualizo os diversos trajetos que meu corpo faz: um processo de proteção ao meu corpo *gay* e um processo de tomar de assalto os espaços que a hegemonia heterossexual normativa diz que eu não devo frequentar. Alguns eu realmente não frequento, pois sou alérgica ao ar viciado de heterossexuais homofóbicos. Mas se quiser tirar de mim um espaço público – como o ônibus – eu farei questão de me fazer presente todos os dias pra assustar e apavorar quem acha que eu sou do capeta. Eu sou uma *gay* latino americana, fofa e sensível.



Figura 11 - Festa Criolina no SCS em 2016. Foto por Maria Clara e montagem por Madame Yuri.
Performance altamente medicinal.



Figura 125 - Performance "Se é que você me entende". Realizada no SubDulcina, na festa ContraPlano #Take 12 em 2018. Fotos: Mariana Piantino. Montagem: Madame Yuri. Performers: Tita Maravilha, Íris Marwell, Madame Yuri e Nathália Azobel.

2.2. O ser marginal e potente. Como tomar de assalto: um convite às minhas parceiras de guerra.

Tomar de assalto vem de uma ideia que considero a mais genial do que se pode definir como empoderamento. Pois antes era criminosa porque me chamavam disso, agora tomo de assalto para confirmar o crime. Convido minhas parceiras de guerra a tomarem de assalto os espaços que antes eram repressores para o nosso povo LGBTI.

No convite de assalto, abarco a ideia de que a Arte tem como demanda a difusão de ideias, e com isso a culpabilidade que toda ideia carrega. Ou melhor, a Arte pode indagar os equívocos que nossa sociedade comete dia a dia. Deste modo, é notável também que diante de todo o contexto político que vivemos, Brasil - 2018, e nossos corpos marginais, com nossas histórias de vidas. A censura da poética natural de cada corpo para um molde normativo exclui a ideia de que, em *performance*, o corpo do ser possa se fazer em seu discurso através de uma real poética entranhada no corpo. O corpo não mente. Se é “*é homem ou mulher?*” (ditado popular brasileiro), já é.

Com isso, o movimento LGBTI trouxe à termologia algumas palavras que, partindo da revisão do vocabulário, consigamos aplicar na nossa cultura hábitos que possam ser organicamente um ato de respeito ao próximo e que as posições determinadas pelos homens privilegiados possam dar espaço para que discursos atuais estejam à tona. Palavras que daqui a pouco trarei como sugestão de assalto.

O corpo de uma bicha afeminada (exemplo: Eu, Madame) é naturalmente político. Ignorar esse fator, quando em qualquer processo artístico que minimamente tem a possibilidade de se fazer importante no mundo, é deixar com que o patriarcado e os antigos ideais do mundo masculino continuem a valer. Isso se observa em coisas como a utilização de textos teatrais que enfatizam a família e os valores cristãos.

Para isso, hoje temos o lugar de representatividade que, segundo as ferramentas atuais, do Google utilizadas fartamente Madame, uma nativa digital, tem tal significado: “(...) qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome.”

Se tratando de um mundo real, feito de mentes reais e corpos reais. Demando para a Arte uma expressão verdadeira, que considera a história de cada atriz/ator que está colaborando

para a construção do artefato, tão bem como valer-se do momento oportuno em que se está com o espectador: respeito e vontade de transformação.

No processo dentro do currículo acadêmico, na Universidade de Brasília, me deparei com uma série de costumes que ainda são do universo normativo. Nada que seja estranho pois se trata de uma instituição que gira dentro das gerações que por lá passam. E, sendo assim, o choque de gerações se dá na ausência de problematizações quanto a identidade de gênero e expressão pessoal de cada estudante em sala de aula.

Essa problemática envolve, inclusive as escolhas dramáticas e o posicionamento de papéis binários em alunas que expressam de outra forma a sua sexualidade. O questionamento desses parágrafos vem indagar as formatações que poderiam ser desarranjadas do padrão normatizador, em função de uma necessidade política que possa representar verdadeiramente cada ser humano em identificação com o trabalhos fora da Academia. Sabemos que o Teatro faz-se como ofício na nossa sociedade. Mas de que é feito essa arte? A problematização desse contexto de formação dos corpos em função de um personagem dramático, se alivia quando podemos definir e indefinir nossos corpos fora de uma lógica já preestabelecida.

No curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, destaco as Práticas de Montagem com o Fernando Villar, professor e mestre da Universidade de Brasília, e Interpretação II, com Nitza Tenenblat, professora e mestra na Universidade de Brasília, como processos criativo e de aprendizagem. Nessas duas experiências estive frente à textos tão associados ao real somados a professores tão alheios a esse tipo de questionamento que é possível fragilizar uma identidade (ou des-identidade) em detrimento do ensino de um teatro como ofício, extremamente profissional.

Também em detrimento ao Teatro profissional e em respeito aos corpos que trabalham e estão jogados no mercado brasileiro, certamente um homossexual – a não ser que seja extremamente discreto em expressão – deveria, por direito político, ocupar o seu local de fala e contaminar o espaço de representatividade das dramaturgias, cenas e personagens.

Por isso, a atualização do mundo se faz necessária em vocabulário, hábitos, escolhas. Tudo o que possa enfatizar uma realidade cruel que se vive no país Brasil. Sendo esse país o que mais mata travestis e transexuais no mundo, o país que mais incentiva a cultura de que viado é um termo de chacota, é justo fazer-se e chamar-se de artista por objetos artísticos que não levam isso em consideração? O objetivo não é fazer com que só se fale desse assunto. Mas

fazer que esse assunto se torne antigo com nossa vivência. Mas é tão atual que estamos vivendo isso. E se é isso que ignoramos, é isso que estamos vivendo: a ignorância.

Tendo em vista toda a violência na infância, o descaso ao observar as características que identificam à primeira vista o aspecto homossexual de cada um, proponho às pessoas que foram trancadas em armários suados que arrebentem as portas do inferno. O cuidado deve ser extremo, mas a expressão do corpo é política.

Não há como quem não tenha passado por uma história parecida comigo, achar-se na razão de pensar que meus direitos são privilégios, quando antes éramos caladas. E calar-me hoje, como fizeram os professores mestres Fernando Villar e Nitzá Tenenblat, não é mais possível. E o silenciamento (calar o ser e seu corpo) vem desde os primeiros momentos de um processo criativo até às conclusões de escolhas que são feitas enquanto dramaturgia escolhas de personagem e tratamento de como analisam a sua postura enquanto “ator”.

Portanto, esse convite é de poder fazer com que nossa história de vida se faça importante na expressão do nosso corpo. Considerar cada gesto e sentido que a matéria corpo produz faz parte de uma necessidade humana de fazer com que o nosso discurso e nossa trajetória possa ser parte de um cotidiano.

Para minhas parceiras de guerra, é social e politicamente importante evidenciar as desigualdades de gênero, o racismo e o preconceito sob as identidades que se revelam no mundo. Ocupem seus espaços na Arte que vocês fazem. Evidenciem que o corpo de vocês não merece ser censurado pela normatividade. Observem as dramaturgias, escolhas já feitas. Façam escolhas, sejam escolhidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões são como as “inconclusões” da vida. Com este trabalho eu, Madame Yuri, coloco mais um ponto de partida na minha vida, pois compreendo tudo o que vivi na minha história como grandes marcos para a continuidade do meu ser. E se antes eu queria não ser o que sou, hoje faço questão.

As “inconclusões” desta pesquisa fazem parte do que é o ciclo da minha vida. Significam-me a continuidade de um corpo mais marginal, mais bicha, mais não normativa e identificando as potências que eu trago, as fragilidades que preciso passar para não passar mais, pude me empoderar das palavras de ódio para fazer amor comigo mesmo.

As indefinições do signo Aquário me colocaram num mundo de descobertas, liberdade de expressão e de comunicação, e, sendo assim a hibridez que se forma na poética que define o que é minha Arte e o que eu produzo na cinética do meu corpo. Precisei me afirmar em todos os espaços que estive, porque sempre me caracterizam como corpo frágil e incapaz. Quando nós, LGBTI, marginais da vida, abandonadas por grande parte de suas famílias, nos juntamos, criamos nosso mundo, nossa esfera e nossa força. A esfera nunca antes esperada pela normatividade do mundo, agora invade os espaços privados como uma gangue.

Analiso minha história no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília como um grande mar de experiências que me trouxe diversas consciências sobre o que eu sou em um leque de possibilidades. Ao mesmo tempo em que há uma negação tímida ao ofício do Teatro, enxergo também, agradecendo, as possibilidades que envolvem a criação de um objeto artístico, que o fazer teatral não se resume apenas no Teatro da encenação e atuação.

O Teatro se mistura com a *performance*, com a dança, a música, a maquiagem, a produção e dentre outras linguagens que podem colaborar para o acontecimento de um evento espetacular teatral. A partir desse questionamento, eu, Madame, corpo da poética homossexual, que arranca gritos da rua, xingamentos, provoca brigas por existir, trago comigo a necessidade de me fazer viva e presente em qualquer linguagem que eu ocupe ou venha a me atrair.

Diante disso, digo que a *performance* da identidade (ou des-identidade) do gênero e a poética dessa linguagem que hoje chamo de Madame, começa desde ter unhas pintadas, do rebolado na rua, do jeito que eu mexo no meu cabelo e das formas como sento e falo.

Em alguns espaços a poética da bicha já é algo comum e aceitável. Mas algumas comunidades trazem normatividades tímidas, como no Departamento de Artes Cênicas na Universidade de Brasília, que por detrimento de uma profissionalização do Teatro e do ofício do ser ator, insiste em criar barreiras da expressividade homossexual e também na neutralização dos gestos do corpo.

Censura nunca mais. Silenciamento nunca mais. Falo isso, pois já fui silenciada e já fiz meu silêncio como uma dádiva para que conseguisse permanecer viva. Mas vi que não depende da hegemonia heteronormativa. Depende de mim, das minhas amigas parceiras de guerra e da história que todas vivemos.

Nada foi mais triste do que trechos da minha vida. Mas nada mais feliz que a reviravolta de tudo isso. E como isso se fez para que me sentisse forte. Hoje, eu, Madame, Yuri Cássio Mota Rocha, olhamos para tudo o que vivi. Vejo que fez parte da crueldade que o mundo já nos oferece. Poderia ser mais duro ou mais leve. Eu poderia ter sido mais dura com o mundo também. Mas não me cobro disso porque hoje consigo que me reconheçam nas tribos que eu ando. Hoje eu deixo de frequentar alguns espaços e busco me fazer segura.

Com tudo o que vivi no curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, destaco a minha conclusão de curso preceder o início do governo do Presidente eleito em 2018, bolsonaro (coloco em minúsculo, pois se trata de um nome impróprio para a importância de um maiúsculo), e, assim sendo, faço das minhas palavras um protesto contra toda intolerância que é proferida. Um protesto contra os ideais que são pregados por ele contra o nosso povo.

Este trabalho também foi um recado Ao Presidente eleito e a toda comunidade Acadêmica da Universidade de Brasília, um recado para dizer que eu não morri, que estou viva. Presente! Eu, Madame, estou teorizando minha vida com o objetivo de que todas possam ser teóricas das poéticas que vivem. Eu sou o poder de mim mesma. E ninguém vai me tirar isso: eis a estética da minha existência e resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith - *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COHEN, Renato - COHEN – *Performance como Linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

FOUCAULT, Michel – *Vigiar e Punir*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1999.

GRAÇA, Rodrigo- *Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos*. Recife: Perspectiva Filosófica, vol. 43, n. 1, UFPE, 2016.

PINO, Nádía Perez. Teoria Queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. São Carlos: Cadernos Pagu. UFSCar, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n28/08.pdf>

ZIVI, Karen. Rights and the politics of performativity. *In*: (Ed) CARVER, Terrel; USA, 2008

SITES

PASSARELLI, Matheusa. Texto pessoal da artista. [online] – Disponível na internet em: <https://sxpolitics.org/ptbr/corpo-estranho-por-matheusa-passareli/8349>

Reportagem sobre o descaso: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-mes-apos-morte-de-matheusa-irma-acusa-instituicoes-de-omissao> (acesso em 10/11/2018)

<http://significados.com> - Acesso em: 31/10/2018

Dicionário Priberam da Língua portuguesa, 2008-2013; <https://dicionario.priberam.org/travesti> - consultado em 08/11/2018

Google.com.br, acesso em 08 de novembro de 2018.